

CANÇÃO, ESTÉTICA E POLÍTICA
ENSAIOS LEGIONÁRIOS

Marcos Carvalho Lopes

CANÇÃO, ESTÉTICA E POLÍTICA
ENSAIOS LEGIONÁRIOS

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lopes, Marcos Carvalho
Canção, estética e política : ensaios legionários / Marcos Carvalho
Lopes. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2011.

Bibliografia.
ISBN 978-85-7591-208-9

1. Legião Urbana (Conjunto musical) 2. Música – Filosofia 3.
Músicos – Brasil – Biografia 4. Russo, Renato, 1960-1996 I.
Título.

11-12275 CDD-780.920981

Índices para catálogo sistemático:

1. Músicos brasileiros : Biografia e obra 780.920981

Capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
imagem da capa a partir de fragmentos fotográficos
de iluminação de concertos realizados pela Legião Urbana.
Preparação de originais: Editora Mercado de Letras
Revisão: Mariana Marques Moraes (MMM)

As capas reproduzidas neste livro são ilustrativas e seus
autores e responsáveis pela produção gráfica e fotos citados.

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© *MERCADO DE LETRAS* EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514

CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

DEZEMBRO/2011

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
Susana de Castro	
INTRODUÇÃO: A INVENÇÃO DE UM MITO E RITUAIS DE PASSAGEM	9
O NASCIMENTO DE RENATO RUSSO	13
DEZESSEIS E O MITO DO <i>ROCKN'ROLL</i>	21
ANDANDO PELA CIDADE EM BUSCA DA POESIA	31
POR ENQUANTO O <i>TEOREMA</i>	41
O QUE SERIA A FILOSOFIA DA LEGIÃO?	47
TEOREMA(S)	51
ASSUMINDO O MUNDO: <i>DOIS</i>	59
SOBRE O TEMPO	69
<i>FAROESTE CABOCLO</i> : ÉPICO DA (RE)DEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS	75
<i>HÁ TEMPOS</i> : UM CALEIDOSCÓPIO DE UMA SOCIEDADE DESVIRTUADA	89

<i>MONTE CASTELO E A METAFÍSICA DO AMOR</i>	103
<i>A BUSCA PELO AUTOCONHECIMENTO E O SURREALISMO COTIDIANO</i>	119
<i>O FIM DA MPB E O DESCOBRIMENTO DO BRASIL</i>	133
<i>MAIS DO MESMO</i>	145
APÊNDICE: GLOSSÁRIO, CANÇÃO POR CANÇÃO	
<i>LEGIÃO URBANA</i>	150
<i>DOIS</i>	152
<i>QUE PAÍS É ESTE (1978/1987)</i>	154
<i>AS QUATRO ESTAÇÕES</i>	157
<i>V</i>	159
<i>O DESCOBRIMENTO DO BRASIL</i>	161
<i>A TEMPESTADE OU LIVRO DOS DIAS</i>	164
<i>UMA OUTRA ESTAÇÃO</i>	168
<i>BIBLIOGRAFIA</i>	171

PREFÁCIO

Este livro é fruto de um longo trabalho. Marcos já havia iniciado sua pesquisa sobre o *Legião Urbana* quando o conheci há cerca de cinco anos atrás em um encontro acadêmico. Na época, surpreendeu-me a disposição e a seriedade com a qual buscava forjar o diálogo entre filosofia e rock nacional. Posteriormente, percebi que a busca dessa interface entre música e filosofia respondia, na verdade, a uma inquietação sua, de longa data, em pensar a cultura doméstica. A perseverança e confiança com a qual ele se dedica a essa tarefa é surpreendente, tendo em vista que no meio acadêmico nacional até bem pouco tempo relacionar filosofia canônica com música popular seria considerado uma blasfêmia. Infelizmente, ainda somos treinados para o pastiche, a repetição do 'outro'. Querer colocar o produto nacional como objeto da crítica é na perspectiva mais conservadora nivelar-se por baixo. Penso que Marcos cedo percebeu que desde a 'virada histórica' iniciada por Hegel não há como o filósofo querer escapar do seu tempo e das circunstâncias culturais. O filósofo é o espírito de seu tempo e tudo no mundo é espírito, é formação de cultura e pensamento, nada lhe escapa. Afastamos-nos do sentido do tempo presente ao não querer colocar a análise filosófica no plano da cultura nacional, e com isso, empobrecemo-nos ainda mais culturalmente. Quem são nossos heróis? Duque de Caxias? Tiradentes? Tancredo Neves? Não, ou pelo menos não somente estes. Nossos heróis são também aqueles que submergiram no fundo do poço de nossas idiossincrasias e de lá imergiram com narrativas que contavam a história de seu tempo presente. Nossos heróis são Renato Russo, Cazuza, Leon Hirszman, Lygia Clark, Glauber Rocha, Hélio Oiticica e muitos outros que fizeram de sua arte um estudo de quem somos e de quem queremos ser. Aqui fica claro que Marcos atua dentro do âmbito pós-moderno da 'virada narrativa' proposta por Richard Rorty. Em uma época na qual a filosofia americana estava dominada seja pelo espírito lógico positivista, seja pelo espírito historicista reprodutivista, Rorty surpreendeu a todos ao anunciar que seus heróis eram W. James e J. Dewey. Ninguém esperava que um brilhante e sofisticado filósofo acadêmico tivesse a audácia de elevar ao olimpo dos deuses da filosofia dois

obscuros filósofos nativos. Não só isso, Rorty chocou ainda mais quando disse que sonhava com o dia no qual as narrativas dos romances, dos filmes documentários, das reportagens investigativas e etnográficas, substituiriam os tratados e os sermões.

O livro de Marcos não é somente uma análise minuciosa da vida e obra de Renato Russo e do Legião Urbana, mas é também uma amostra de como a filosofia pode ser crítica cultural. A ferramenta básica utilizada por Marcos é a da 'intertextualidade'. Apoiando-se em sua pesquisa sobre a biografia de Renato Russo, Marcos vai destrinchando todas as referências 'ocultas' nas letras de Russo. Ávido leitor, Russo espalhava por suas músicas as marcas de suas leituras de Bob Dylan, Fernando Pessoa, J.-J. Rousseau, B. Russel, entre outros. Coube a Marcos a tarefa de explicitar essas marcas ocultas. O 'poeta-forte', para usar uma expressão cara a Richard Rorty, ou o 'criador', para usar a expressão adotada por Nietzsche, não é definitivamente alguém que cria a partir do nada, inspirado pelas musas, mas alguém que 'dialoga' com seus eleitos, seus heróis. Quem já não sentiu ao ler um texto do qual gosta muito a vontade de dialogar com seu autor, dizer o quanto se emocionou com sua obra? No caso muito especial da escrita, a distância física e temporal que nos separa de nossos autores preferidos, nossos 'heróis', isto é, não impede necessariamente o diálogo. Neste exato momento em que uso o vocabulário filosófico de Rorty para prefaciar a obra de Marcos estou ao mesmo tempo dialogando com o filósofo americano. Sua escrita está 'viva' e poderá me surpreender ainda muitas vezes. O mesmo se dá no diálogo entre Marcos e seu herói, Renato Russo. O cantor do Legião 'revive' na leitura deste livro sobre o diálogo de Marcos com Renato. Nossos heróis continuarão a viver enquanto suas obras nos emocionarem, mas quando elas deixarem de emocionar alguém, isso é sinal de que a atmosfera cultural mudou, o espírito se transformou, e que vivemos em uma época que necessita de novos heróis. No Brasil de hoje que luta para se firmar no cenário mundial como uma potência séria, sofisticada e criativa, trabalhos como o de Renato Russo e outros músicos nacionais ainda possuem o frescor do novo, como nos mostra este livro.

Susana de Castro

UFRJ

Rio de Janeiro, fevereiro de 2011

INTRODUÇÃO

A INVENÇÃO DE UM MITO E RITUAIS DE PASSAGEM

*Se partires um dia rumo a Ítaca
faz votos que o caminho seja longo
repleto de venturas, repleto de saber (...)*

Konstanti Kavafis, Versos iniciais do poema *Ítaca*, 2006.

Dois imagens me pareceram as mais apropriadas para introduzir este trabalho. A primeira aconteceu num quarto de adolescente, em Brasília, numa madrugada de domingo para segunda. O ano não é um consenso, mas, provavelmente era 1980. Dois jovens se reuniram com violão e pandeiro em torno de um gravador. A ideia deles era fazer canções para que a namorada de um deles fosse presenteada com uma fita exclusiva. Uma tentativa de espantar o tédio da capital federal, buscando uma experiência estética que construísse alguma legenda para aquela paisagem monótona e algum sentido para a existência deles mesmos. Em um trecho da referida fita existe o diálogo:

- *So, Renato, what will you wanna be when you grow up?*
(E então, Renato, o que você vai ser quando crescer?).
- *One day, I gonna be a very famous star! I wanna be a star!*
(Um dia, eu serei uma estrela muito famosa! Eu quero ser uma estrela!).

O mais velho, dono do quarto e do sonho de ser um astro de rock, é Renato Manfredini Jr., o futuro Renato Russo. O outro, um ano mais jovem e que teria a namorada homenageada, era André Frederick

Petrorious, filho do então embaixador da África do Sul. Começaram sua amizade por sua identificação através do punk rock. No Brasil, para aqueles adolescentes de classe média alta, o punk era também uma forma de contestação, mas não deixava de ser a mais nova moda advinda de Londres.

Com André Petrorios, Renato Russo montou a primeira banda punk de Brasília: o Aborto Elétrico. Nela também estavam os irmãos Flávio e Felipe Lemos, hoje do Capital Inicial. O futuro reservou para eles trajetórias distintas, com altas doses do tipo de heroísmo romântico que alimenta a *jihad* ocidental: Petrorios voltou para a África do Sul onde serviria ao exército (o que naquela época significava servir a um Estado que promovia uma segregação formal de acordo com a cor da pele, um racismo oficializado que ia contra tudo que o punk preconizava), se envolveu com drogas e morreu em 1985 nos EUA de overdose; Russo com a ajuda de Marcelo Bonfá, Dado Villa-Lobos e Renato Rocha, formou a banda de rock de maior sucesso dos anos 80 no Brasil, a Legião Urbana, conseguiu ser um astro do rock, mas também teve uma trajetória rápida e de autoimolação.

O punk com seu lema “faça você mesmo” (do-it-yourself) foi tomado por aqueles adolescentes em um uma dimensão existencialista, de quem assume a liberdade de ter que decidir sobre seu próprio destino. De certa forma, estes ensaios procuram construir uma narrativa sobre a dimensão romântica e destrutiva presente nesse sonho de rock, assim como, sua radicalidade utópica e criativa: como inventar um futuro diferente com os pés no chão?

A outra imagem vem de uma descrição feita por Gian Fabra, ex-baixista da Legião Urbana nas turnês de *V e o descobrimento do brasil*, sobre como Renato Russo teria imaginado o final de um possível filme sobre João do Santo Cristo, o herói de *Faroeste Caboclo*:

A cena mostrava a sala de um apartamento de classe média na zona sul do Rio de Janeiro onde se via uma criança brincando no chão. Ao seu lado, uma babá que acompanhava distraída as imagens da passeata dos “caras pintadas” que passava ao vivo na televisão. Começava então um travelling da câmera. Ela fechava numa foto da cara do João de Santo Cristo num porta-retratos, depois começava a abrir, e se via outros porta-retratos com fotos de Jeremias, Maria Lúcia e tal, dando a entender que aquele era o apartamento onde morava o filho de Jeremias com Maria Lúcia. A câmera ia abrindo até mostrar toda estante, depois a estante com a televisão, depois a sala com a criança e a babá. E continuava abrindo o quadro até sair pela janela, nesse momento a criança ia até a janela e a câmera continuava se afastando, a criança ia ficando cada vez menor e o quadro revelando outras janelas, depois o prédio inteiro, depois vários prédios e você já não conseguia mais distinguir a criança no meio de tantos prédios. A câmera ia se afastando até mostrar um bom pedaço da cidade visto do alto. Então a câmera girava fazendo uma panorâmica e começava a fechar em outro local, ia aproximando a visão de outro bairro, outras ruas, até mostrar a rua onde ocorria a manifestação dos “caras pintadas”. E continuava fechando, mostrando vários adolescentes gritando palavras de ordem, até chegar num “cara pintada” em especial e continuava fechando

até chegar na camiseta dele onde estava estampada uma foto da cara de João de Santo Cristo, a mesma foto que começara o *travelling* no porta-retrato do apartamento. Fim e os créditos começavam a subir. (Fabra 2008)

O herói de *Faroeste Caboclo* torna-se símbolo de rebeldia e contestação, estampando a camiseta dos jovens manifestantes que contestavam o surrealismo da Era Collor. O cinema, a contracultura, os astros que estampam camisetas e produtos tomaram o lugar dos livros sagrados como modelos de comportamento e valor. De certa forma, a trajetória dessa sacração imaginária é a trajetória da hegemonia do rock nacional que cantou a redemocratização do país contestando seus costumes e sua perspectiva autoindulgente. Se as grandes utopias poéticas perdiam espaço, agora existia espaço para a liberdade e diversidade democrática. Pensar essa trajetória foi outro dos motes que inspiraram estes ensaios.

Renato Russo está no centro desse palco por ser ele o autor de todas as letras da Legião Urbana e por sua trajetória (assim como a de Cazuza) surgir como um símbolo de uma fase importante de nossa história recente. Provavelmente o leitor encontrará alguns pontos em que terá dúvidas quanto à isenção da leitura e se perguntará “será que ele(s) realmente pensava(m) assim?”, “será que queriam fazer um retrato do país?”. Esse tipo de interrogação é mais do que justa e não precisa ser respondida: o trabalho estará justificado se for útil para despertar novas questões. Os textos desses ensaios não devem ser tomados como descrições do que as canções são em sua essência, mas, sim, como descrições que podem ser interessantes e úteis para ampliar nossas interrogações sobre uma fase de nossa música popular que tem sido vista como estéril.¹

Com certo espírito punk, sem nos prendermos a uma metodologia prévia, é isso que tentamos fazer nos ensaios desse livro, que funcionam como experimentos de pensar. Isso explica certa desigualdade de estilo e abordagem: os textos foram feitos ao longo de oito anos, sem que se concebesse uma ligação necessária entre eles. Tentei também me inventar como autor a partir desses textos que, são para mim, uma espécie de “rito de passagem”, que não tem um fim claro, mas talvez surjam como a promessa e marca da necessidade constante de se reinventar e querer ser melhor. Guardo algo de Rousseau ainda em mim.

Alguém dizia na Grécia Antiga que uma vida não meditada não valeria a pena de ser vivida. Outros batem o pé dizendo que uma vida não vivida não merece ser meditada. Talvez possamos diminuir a distância entre essas duas posições pensando o mundo que nos cerca, uma canção que achamos interessante, um filme que nos instiga, enfim, nossos mitos cotidianos.

No primeiro ensaio falo da origem do nome Renato Russo como parte da (auto)construção de sua trajetória de mito do rock. O texto seguinte parte da canção *Dezesseis* para tratar do anseio romântico e melancólico presente no rock e sua veneração da morte e da velocidade. Nele também falo rapidamente das três grandes explosões desse gênero: o rock clássico, a invasão inglesa e o punk. No texto seguinte tento lidar com a dimensão urbana que Renato Russo projetava como parte essencial de seu trabalho interrogando sobre como a ideia de *flanêur* aparece em suas letras.

1. Sobre essa leitura depreciativa do rock oitentista e uma tentativa de revisão, ver Lopes 2006, pp. 143-174.

Os ensaios seguintes tentam construir uma narrativa sobre os álbuns da Legião Urbana, tomando-os como um discurso, em que existiria alguma tentativa de coerência e diálogo com suas circunstâncias e interrogações. Algumas canções foram tema de ensaios em separado, como é o caso de *Teorema* e *Tempo Perdido*. O ensaio sobre *Faroeste Caboclo*, foi o caminho que encontrei para falar do álbum síntese que é para mim *Que país é este (1978/1987)*. As canções *Há Tempos* e *Montes Castelo serviram* de tema para ensaios que cobrem à temática geral do álbum *As quatro estações*. Os textos seguintes buscam dialogar com a obra da Legião Urbana até a morte de Renato Russo e o fim da banda em 1996.

É bom lembrar que a trajetória da Legião Urbana não foi uma invenção de Renato Russo: Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá construíram esse percurso formando uma identidade musical para a banda que não pode ser menosprezada. Dado e Bonfá, assim como Renato Rocha, compartilharam parte de suas vidas na construção de um trabalho que continua repercutindo hoje e vendendo camisetas para jovens que alimentam o sonho de serem, eles mesmos, os autores de *suas canções*.

Este trabalho consumiu algum tempo e teve a inspiração de algumas leitoras ideais. Agradeço por elas existirem e fazerem parte da miragem de Ítaca que incentiva quem se aventura a sonhar e também tenta descobrir o Brasil que existe dentro de cada um de nós.

Em especial, agradeço o incentivo e ajuda do professor João Wanderley Geraldi, sem o qual este trabalho não existiria. Agradeço também o apoio e ajuda de Dado Villa-Lobos, assim como a autorização de Marcelo Bonfá e da família de Renato Russo para a publicação deste trabalho.